

ca de estilo de certos falantes. É evidente que não se pode deixar de levar em conta, para uma análise global, mais profunda e detalhada, o contexto situacional como fator de formalidade ou informalidade da linguagem empregada no evento, mas ele é apenas um dos fatores, não nos parece o mais determinante.

NOTAS

- 1 - Os inquéritos constam dos volumes I, II e III de A Língua Falada Culta na Cidade de São Paulo.
- 2 - O primeiro número refere-se ao Inquérito; o segundo, à linha.
- 3 - Gambito: sinal lingüístico que serve em geral para sinalizar o que o falante pretende expressar.
- 4 - A redução à primeira pessoa ancora-se na preocupação de observar marcadores que acentuam a projeção da consciência do falante.
- 5 - Isto não quer dizer, porém, que acho que não possa ser consistido uma estrutura da língua padrão, como ocorre, por exemplo, os marcadores né, óia etc., típicos do registro popular.

BIBLIOGRAFIA

- CASTILHO, Ataliba T. e PRETI, Dino (orgs.) A linguagem falada na cidade de São Paulo. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1986, 1988, vol. I, II e III
- KELLER, Eric. "Gambits: conversational strategy signals. Journal of Pragmatics 3:219-238, 1979. (a numeração das páginas citadas refere-se à tradução mimeografada)

INTRODUÇÃO

No presente trabalho pretendemos observar algumas relações entre fala e escrita, servindo-nos de estudos de Ataliba T. de Castilho e Luiz A. Marcuschi; respectivamente, "Para o estudo das unidades discursivas no português falado" e "Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções", nos quais são propostas as unidades de análise (unidades discursivas - UD - para Castilho; unidades comunicativas - UC - para Marcuschi), caracterizadas por elementos demarcadores (marcadores discursivos - MD - para Castilho; marcadores conversacionais - MC - para Marcuschi).

A observação dessas relações permite não só um melhor entendimento do funcionamento da língua como um todo, como também, por comparação contrastiva entre texto oral e texto escrito, uma compreensão mais completa da natureza e do processo de produção desses textos, mormente do texto escrito na sua contingência de elaboração artificial. Na realidade, embora a premissa seja de que "tanto na produção oral como na escrita o sistema lingüístico é o mesmo para a construção das frases", "as regras de sua efetivação bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados" (Marcuschi, 1986:62)

Com efeito, os enunciados escrito e falado são estruturalmente diferentes, porque diferem entre si, dentre outros aspectos, quanto às condições e às técnicas de produção. "A escrita é essencialmente um processo mecânico, sendo necessárias a manipulação de um instrumento físico e a coordenação consciente de habilidades específicas motoras e cognitivas. Assim, a escrita é completa e irremediavelmente artificial, enquanto a fala é um processo natural, fazendo uso dos meios assim chamados 'órgãos da fala'. (Akinaso, 1982:113)

Uma melhor apreensão do fenômeno da escrita passa pelo detido exame e conhecimento da modalidade oral. Nesse sentido, é sugestiva a observação de Beinhaver:

"Não me repugna afirmar que quem não está devidamente familiarizado com a linguagem coloquial, tampouco pode dominar plenamente a língua escrita. Poderá, por acaso, por força de estudar gramática, chegar a expressar-se com alguma correção, mas isto não equivale nem de longe ao que eu en

URBANO, Hudinilson. Do oral para o escrito. In: Anais XIX dos Seminários do GEL. Bauru, 1990, p. 633-40

tendo por domínio verdadeiro do idioma."

(El español coloquial, p. 10; grifo nosso)

As duas propriedades decorrentes das condições de produção do texto oral e escrito cabem ser lembradas aqui para guias de nosso exercício: o planejamento do discurso e o contexto do discurso.

Na realidade, entendemos que há duas dimensões teóricas possíveis de planejamento na produção de um texto (escrito ou oral); o planejamento temático (o que dizer) e o planejamento verbal (como dizer). Na conversação espontânea, o tema (o que dizer) talvez possa conseguir algum grau de planejamento, ainda que pequeno, mas dificilmente consegue ser planejada a formulação verbal; esta é, com efeito, "administrada passo a passo", com todos os percalços que isso venha a acarretar.

Por outro lado, o texto falado é "situacional", no sentido que tanto conteúdo quanto forma são organizados e processados de modo muito dependente do componente situacional. No texto escrito este componente precisa ser linguisticamente recuperado.

Para entendimento da exploração que faremos, são necessários alguns esclarecimentos prévios, que extraímos do próprio ensaio de Castilho (1987). Acrescentaremos apenas algumas observações:

1) "Unidade discursiva (UD) é um segmento caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de coerência temática da unidade maior, atendo-se como arranjo temático secundário ao processamento informativo de um sub-tema, e formalmente por se compor de um núcleo e de duas margens, sendo facultativa a figuração simultânea desses dois constituintes." (grifo nosso)

2) "O núcleo da UD é constituído por uma ou mais de uma oração. (...) Do ponto de vista semântico, o núcleo da UD ilustra a articulação tema e rema (ATR), isto é, há um ponto de partida que tem por referente um dado conhecido, ao qual se agrega uma declaração que encerra o dado novo." (grifo nosso)

3) "As margens da UD são constituídas de materiais 'que envelopam' o núcleo, situando-se à sua esquerda ou à sua direita. Do ponto de vista semântico, as margens tematizam o núcleo predicando-o 'perifericamente', isto é, veiculando avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo, ou incluindo aí instruções que orientam a interação e organizam as formas de desenvolvimento temático."

(grifo nosso)

As margens recebem de Castilho a denominação genérica de marcadores discursivos, que correspondem, grosso modo, na terminologia de Marcuschi, aos marcadores conversacionais. Quanto à posição, porém, Marcuschi distingue MC não só iniciais e finais (posições canônicas), mas também MC mediais, aliás, muito frequentes.

CORPUS

Reproduzimos a seguir, para corpus do nosso exercício, já delimitadas as unidades discursivas ou comunicativas, conforme sugestão de Castilho, trecho do inq. D2 333 do Proj. NURC/SP (p.256; l. 910-929):

UNIDADES DISCURSIVAS			
UD	MARGEM ESQUERDA	N Ú C L E O	MARGEM DIREITA
1	olha eu acho que	a televisão nossa está se fazendo na medida...ah:: justamente do que é a nossa sociedade... ela é fluxo e refluxo...ela está se construindo todos os dias	
2	eu vejo	a nossa televisão como um verdadeiro <u>happening</u> ...	sabe?
3	β	ela não... não se pode ainda (estruturar) regras a televisão é isso a televisão é aquilo	β
4	β	a televisão...((buzinas))está encontrando a sua linguagem... [como eu disse]*	
5	β	do ponto de vista ficcional ((buzina em superposição))... o que tem ajudado muito... é a novela... embora isso po/ possa ser... [e eu concedo que seja] largamente contestado...	β
6	por outro lado também uma coisa que eu não disse eu acho muito importante --	a televisão...está servindo para o aprimoramento do cinema...a telenovela nesse caso...do nosso cinema	β

7	β	e já tem mostrado isso...em mais de um desses filmes...ah ah...de mais sucesso	β
8	β	é o caso...da:: do filme que eu indiquei da...tirado do romance de Marques Rabelo...A Estrela Sobe com artistas de televisão...	β

* os segmentos entre barras (|) indicam marcadores mediais.

O inquérito refere-se a um diálogo entre um jornalista e uma escritora. A jornalista, sob forma de pequeno monólogo, faz observações de ordem pessoal sobre aspecto específico da televisão.

EXERCÍCIO

O texto oral em questão sofreu, aqui, uma série de processos mantenedores e transformadores, como cópia, apagamento, substituição, inserção, reordenação e adaptação de nível linguístico.

Assim, de início as UD foram "enxugadas" de suas margens e marcadores laterais, de marcadores mediais, de pausas de hesitação preenchidas (ah::; ah ah) e de corte de palavra (po/), tendo sido copiadas, unidade por unidade, apenas sua parte nuclear:

UNIDADES DISCURSIVAS	
1	a televisão nossa está se fazendo na medida... justamente do que é a nossa sociedade... ela é fluxo e refluxo... ela está se construindo todos os dias
2	a nossa televisão ^a como um verdadeiro happening...
3	^I ela não... ^{II} não se pode ainda (estruturar) regras a televisão é isso (*) a televisão é aquilo
4	^b a televisão... está encontrando a sua linguagem do ponto de vista ficcional
5	o que tem ajudado muito... é a novela... embora isso possa ser ... largamente contestado...

OBS.: as letras a, b, c indicam substituições; os nºs I a VI indicam apagamentos e o (*) indica inserção a serem feitos.

6	^C a televisão... está servindo para o aprimoramento ^{III} do cinema
	... a telenovela nesse caso... do nosso cinema
7	e já tem mostrado isso... em mais de um desses filmes... de mais sucesso...
8	é o caso... ^{IV} da:: ^V do filme que ^{VI} eu indiquei ^{VI} da... tirado do romance de Marques Rabelo... A Estrela Sobe com artistas de televisão...

Inicialmente, referimo-nos ao apagamento de diversos tipos de "repetição". Não vamos entrar no mérito do tipo, valor e função das repetições, aqui consideradas de maneira genérica. Inclui-se, por ex. ao menos uma paráfrase (do cinema/do nosso cinema). Saliente-se que a repetição, que constitui uma das características (e, mesmo, necessidade) de da fala para evitar um perturbador adensamento de idéias capaz de dificultar a recepção e uma imediata decodificação (mais evidente na língua oral, deve, na modalidade escrita, ser evitada, na medida em que atrasa desnecessariamente o fluxo informacional, sem falar da falta de criatividade que tal procedimento igualmente representa.

A técnica de apagamento foi utilizada ora para corrigir falha de planejamento verbal; ora para eliminar simples repetição contígua, como em II (UD 3); ora para evitar a redundância de pronome pessoal quando já havia explicitação do sujeito na terminação verbal, como em (UD 8); ora, ainda, para eliminar segmento logo adiante parafraseado como em III (UD 6): "do cinema (...) do nosso cinema".

Em II (UD 3), a repetição do não após uma pausa representa hesitação do falante e não é claramente explicável por uma análise superficial e localizada.

Também representam hesitação o da:: (IV, UD 8) depois da palavra caso e o da seguido de pausa (VI, UD 8), depois da palavra indiquei. No primeiro caso, a hesitação se explica pela correção processada a seguir por meio do do; no segundo, o falante hesitou na estruturação sintática, abortando um possível sintagma preposicional mal planejado.

Em I (UD 3), consideramos o emprego de ela falha de planejamento, motivada possivelmente pelo paralelismo que vinha sendo observado em "ela é fluxo e refluxo" e "ela está se construindo todos os dias" (UD 1). Mas o emprego de ela pode ser visto também como uma topicalização consciente do referente, muito comum na linguagem conversacional.

Quanto a substituições, procedemos a três. Na primeira (letra

UD 2) substituímos como por é. Decorre da necessidade de adaptação do texto oral à sintaxe escrita, levando-se em conta o "enxugamento" da margem eu vejo (marcador de projeção do falante), feito anteriormente; na segunda (letra b, UD 4), realizada mediante pronominalização, evita-se uma repetição desnecessária; na terceira (letra c, UD 4), igualmente processada por meio de pronome, além de se evitar a repetição, a substituição parece revestir melhor o pensamento do falante. (Cf. TEXTO ESCRITO adiante).

Feitos os apagamentos e substituições, fizemos inserção, na UD 3, da alternativa ou, inferida da entonação do falante, O ou parece traduzir mais claramente a relação entre "a televisão é isso" / "a televisão é aquilo". Outros elementos talvez pudessem ser inseridos, mas, a fim de evitar a intrusão da subjetividade do analista, deixamos de fazê-lo. Cabe não esquecer que, principalmente intra UD, a coesão é obtida mediante os recursos prosódicos da entonação e da pausa, os quais, na escrita, são substituídos por pontuação e, normalmente, por elementos relacionais verbais.

Pretendemos em seguida proceder a uma transformação que poderá ilustrar a questão da ausência de planejamento prévio na língua oral, o que não deve acontecer - nem se justifica - na escrita. Referimo-nos às UD 5 e 6. (Cf.)

Observamos que na UD 6 o falante, ou esclarece, ou se corrige quanto ao referente responsável pelo aprimoramento do cinema, substituindo televisão por telenovela. Essa referência à novela, depois à televisão e finalmente à telenovela demonstra a falta de ou falha no planejamento prévio e preciso das informações, plajando-as apenas localmente, o que acarreta essas imprecisões lexicais durante o percurso. O trecho sob censura, uma vez polido, talvez se apresentasse mais clara e economicamente assim:

"O que tem ajudado muito é a telenovela, embora isso possa ser largamente contestado. Ela está servindo para o aprimoramento do nosso cinema."

Eliminadas também as pausas e alongamentos, típicos do canal sonoro, e inseridas a pontuação e paragrafação convenientes, em atenção principalmente às curvas entonacionais observadas durante a audição do material gravado, além de alguma alteração da ordem e adaptação às normas da escrita, o texto escrito teria a seguinte configuração final:

TEXTO ESCRITO

"A nossa televisão está se fazendo justamente na medida do que é a nossa sociedade: ela é fluxo e refluxo; ela está se construindo todos os dias.

Nossa televisão é um verdadeiro happening. Não se pode ainda estruturar regras: a televisão é isso ou a televisão é aquilo. Ela está encontrando sua linguagem do ponto de vista ficcional. O que tem ajuda do muito é a telenovela, embora isso possa ser largamente contestado. Ela está servindo para o aprimoramento do nosso cinema e já tem mostra do isso em mais de um desses filmes de mais sucesso. É o caso do filme que indiquei, tirado do romance de Marques Rabelo, A Estrela Sobe, com artistas de televisão."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não se destine a ser um modelo de técnica de produção de textos escritos, o presente ensaio, se aprofundado, ampliado e enriquecido, pode servir eventualmente para fomentar certas reflexões nessa linha. As vezes interessa ou mesmo é necessário recuperar na modalidade escrita textos orais gravados, como certos depoimentos ocorridos durante reuniões que devem ser transcritos em atas, ou de conferências, entrevistas ou aulas gravadas que se queira transformar em texto escrito. Leodegário A. de Azevedo apresenta-nos um experiência que pode ser considerada semelhante à deste ensaio, a qual ele relata e descreve na sua "Apresentação" de Um debate sobre o discurso literário, nos seguintes termos:

"Este volume reproduz a gravação feita de um debate sobre o discurso literário, a partir do artigo intitulado 'Por uma Teoria do Discurso Literário'

(...)

Na reprodução das fitas gravadas, sem tirar o tom de oralidade próprio de uma discussão em grupo, evitou-se a repetição de palavras em busca de uma expressão mais confortável para o leitor. Outras vezes, na difícil passagem da língua escrita, tivemos que sintetizar alguns trechos do debate, fugindo-se da redundância de idéias."

(Mendonça, 1982:7; grifos nossos)

BIBLIOGRAFIA

- AKINNASO, F. Niyi. On the differences between spoken and written language. Language and speech. Teddington Kingston Press Services, 25(2):97-121, 1982.
- BEINHAUER, Werner. El español coloquial. 2 ed. Madrid, Gredos, 1968.
- CASTILHO, Ataliba T. de. "Análises da conversação e ensino da Língua Portuguesa" (texto mimeografado)
- _____ "Gramática no 2º grau" (texto mimeografado), 1986.
- _____ "Para o estudo das unidades discursivas no português falado" (texto mimeografado), 1987.
- _____ e PRETI, Dino. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo. V II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T. A. Queiroz / FAPESP, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Análise da conversação. São Paulo, Ática, 1986.
- _____ "Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções". Recife / Freiburg (versão mimeografada para o XX Romanistentaf, 1987)
- _____ "Marcadores conversacionais: tipos, funções e coocorrências" (texto mimeografado), 1985.
- MENDONÇA, Antonio Sérgio e outros. Um debate sobre o discurso literário. Rio de Janeiro, Padrão, 1982.

LÉXICO REGIONAL: A NECESSIDADE PRECEDENDO A ARBITRARIEDADE

Devino João ZAMBONIM - UNESP
FCL - Araraquara

Parece-nos ser de senso comum entre alguns estudiosos e não poucos falantes em geral que o vocábulo "regionalismo", como designativo de algo geograficamente confinado, traz em si mesmo uma idéia socialmente desprestigiada.

Se fizermos, porém, uma análise da língua comum, como instrumento veicular de uma comunidade global, de imediato perceberemos, rastreando sua própria história, em sua constituição e desenvolvimento, que seu conjunto vocabular básico, fora, no passado, uso restrito desta ou daquela região. A carga semântica de inferioridade atribuída ao vocábulo "regional" face ao de uso comum não tem, portanto, sua tentativa na área lingüística.

A língua, instrumento pragmático de comunicação, reflete e refrata, em seu vocabulário, as múltiplas idiossincrasias sócio-bio-culturais do grupo.

Paralelamente aos trabalhos científicos individuais e sectoriais já surgem, no Brasil, pesquisas coletivas mais abrangentes, possibilitando, assim, uma visão mais globalizante dos diferentes feixes de isoglossas demarcativas dos variados subfalares do português falado no Brasil. Ficamos, patente, cada vez mais, o alto grau de variabilidade do uso corrente da língua utilizada. E a "espantosa" unidade de do português do Brasil apregoada ainda por muitos, por já não tantos, desfaz-se.

Parece-nos que das regiões brasileiras, a Amazônia, não